

A ÉTICA ARISTOTÉLICA E O CONCEITO DE FELICIDADE

Thaís Santana Ladeira², Sérgio Domingues³

Resumo: *É comum pensar em ética como caráter ou conjunto de princípios e valores morais que orientam a conduta humana em sociedade. Há uma tendência em achar que ética diz respeito a um conjunto de normas, um código a ser seguido, tem relação com a maneira certa de agir, de se comportar. O objetivo do presente artigo é demonstrar que reduzir ética a isso é um grande equívoco, principalmente levando em consideração às concepções aristotélicas que entende a ética não como um contrato social e sim como um princípio da natureza humana. Segundo este pensador, o homem para ser considerado ético, precisa ter a capacidade de deliberar sobre o que é bom e útil para si, atento à totalidade da vida boa. A ética, para ele, tem como ponto central orientar o caminho que o homem deve percorrer para alcançar a verdadeira felicidade.*

Palavras-chave: *Moral, filosofia, vida boa, valor, virtude*

Introdução

A “ética” origina-se da palavra grega, que significa modo de agir, trata-se da forma que o indivíduo utiliza para se organizar em sociedade, elaborando juízos de valor ou criando leis de governo. Em outras palavras, ela pode ser pensada como um caráter ou conjunto de princípios e valores morais que orientam a conduta humana na sociedade (ROCHA, 2009). Mas a ética não pode ser reduzida somente a isso. Mais do que estar relacionada com maneiras corretas de agir e interagir, o modo correto de se comportar, além de um conjunto de normas, um código a ser seguido, a ética confere o esforço

²Thaís Santana Ladeira – Graduada em Psicologia – FACISA/UNIVICOSA. e-mail: thaissantanapsi@gmail.com

³Sérgio Domingues – Professor do curso de Psicologia e Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Sylvio Miguel – FACISA/UNIVICOSA. e-mail: cep@univicosacom.br

da razão para identificar a melhor alternativa de agir. Ou seja, a “ética implica pensar a vida e viver o pensamento” (BARROS FILHO e MEUCCI, 2013, p. 38).

Apesar da sociedade atual não usar mais a palavra virtude e ter substituído o termo moral por ética, o fato da vida humana ser constitutivamente moral permanece inalterada, uma vez que todos os projetos de vida do homem, individuais ou não, se estruturam e se configuram em torno dos valores (PASSOS, 2015, p.22). Um equívoco conceitual comumente compartilhado está em inserir a ética na lista dos valores. Isso não é adequado pois a ética trata de um saber que estuda todos os valores, todos os argumentos, todos os paradigmas e formas de pensamento que o homem propõe desde os primórdios para viver da melhor forma possível de acordo com a própria inteligência. Sendo a ética um saber com tantos objetos de investigação, não pode ser confundida com um deles (BARROS FILHO e MEUCCI, 2013, p. 51).

Os valores podem ser estéticos, políticos, jurídicos, morais e não morais. Sendo não morais, ou seja, possuindo uma base real, o valor só existirá a partir da sua relação com o homem e sua cultura, que ditará se aquela coisa é útil, bonita ou fundamental para a sobrevivência. Sendo moral, só existirá nos atos humanos tais como: comportamentos, interações sociais, tomadas de decisões. Os valores de ordem moral, tais como justiça, honestidade, responsabilidade, são exclusivos do homem, pois se pressupõe que seus atos tenham se dado de forma livre e consciente, fazendo deste responsável pelo que faz (PASSOS, 2015, p. 22).

Outra diferença conceitual que se faz necessária é o estabelecimento da distinção entre as definições de ética e moral. Enquanto uma palavra vem do grego *ethos*, a outra vem do latim *mores* – origens diferentes com significados iguais. Ambas significam costume, conduta, modo de ser. Apesar dessa estreita ligação, alguns autores estabelecem que as duas sejam coisas diferentes. Enquanto a moral normatiza e direciona a prática das pessoas, a ética teoriza sobre as condutas, estudando as concepções que dão suporte a moral. Isso significa que ética é a ciência que estuda o comportamento moral das pessoas (PASSOS, 2015, p. 23).

Material e Métodos

O levantamento bibliográfico foi realizado tendo como base a livro de Aristóteles “Ética a Nicômaco” e alguns comentadores dessa obra como Passos (2015) e Barros Filho e Meucci (2013), Rocha (2009), Amaral, Silva e Gomes (2012). A partir dessas obras empreendida uma análise das relações entre os conceitos de ética e felicidade.

Desenvolvimento

Ao se falar em ética, se faz importante considerar as contribuições de Aristóteles legadas a humanidade. Com o avanço histórico, inúmeras de suas concepções foram sendo interpretadas e ressignificadas, se distanciando das suas propostas iniciais, fazendo com que temas como a ética e felicidade ganhassem novas definições conceituais (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012).

Para Aristóteles todo objetivo estabelecido pelo homem visa um bem, sempre relativo à ação e aos meios empregados. Para ele toda ação do homem não visa uma sequência infinita de finalidades e sim um “bem supremo”, ou seja, o maior de todos os bens, o qual todos desejam sem exceção (ROCHA, 2009). Para ele, o “bem supremo” corresponde a felicidade, pois diferente da honra, da inteligência e da riqueza, a felicidade é autossuficiente, não necessita de bens exteriores para ser atingida, diferente de outros meios que são buscados em favor de distintos bens (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012). Isso deixa claro que a definição de felicidade para Aristóteles, não condiz com a definição moderna que entende que felicidade está relacionada ao acúmulo de riqueza e prazeres materiais. Para o filósofo, felicidade está associada ao bem, a virtude, a alma, não ao corpo ou aos bens exteriores (ROCHA, 2009).

A ética aristotélica corresponde a ciência da moderação e da prudência, cujo objetivo está em direcionar o caminho do homem para que este alcance à felicidade, sendo assim, esta ética objetiva investigar não somente o que é o bem, mas como o ser humano se torna bom. O homem para ser considerado ético na perspectiva de Aristóteles, precisa ter a capacidade de deliberar sobre o que é bom e útil para si, atento à totalidade da vida boa. Para ele, o homem cauteloso é capaz de compreender e delegar regras, normas e preceitos de conduta. Para o filósofo, fazendo o uso da razão, o ser humano tem a capacidade

de fazer escolhas tanto para o bem quanto para o mal. Ele nasce ético e a partir dos seus atos poderá ou não desenvolver suas virtudes aperfeiçoadas pelo hábito (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012).

Virtude para Aristóteles corresponde a um hábito adquirido ou uma disposição contínua e ininterrupta para agir com racionalidade em conformidade com uma medida humana, determinada pelo homem prudente. Sendo assim, a ética tem como intento, orientar o homem na obtenção do hábito (exercício da vontade) para se tornar virtuoso (CHAUÍ, 2002 *apud* AMARAL; SILVA; GOMES, 2012).

Segundo o pensamento de Aristóteles, as considerações que direcionam a conquista da felicidade se relacionam à questão do processo de vida no qual o homem se submete e apresenta no seu dia a dia, ou seja, a vida feliz está interligada à realização das virtudes. Assim sendo, o homem que pratica atos virtuosos, tende a ser feliz. Portanto, pode-se inferir que a fundamentação da ética aristotélica está inter-relacionada a ações nobres praticadas pelos seres humanos. Aquele que almeja ser feliz deve direcionar todos os seus atos na busca pelo bem que constitui a própria felicidade. A filosofia de Aristóteles é, por isso, eudaimonista, pois tem a felicidade como princípio e fundamento da vida moral (ROCHA, 2009).

A sociedade pós moderna por outro lado é marcada pela hipocrisia, o egoísmo, o lucro e o individualismo; temos hoje uma moral que se orienta a partir da exploração do ser humano pelo ser humano (PASSOS, 2015, p.26). Esta concepção vai contra o conceito de eudaimonía postulada por Aristóteles, no qual a felicidade corresponde à atividade da alma em consonância com as virtudes, tendo em vista um bem que pode ser tanto coletivo quando individual (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012).

O mundo pós moderno deposita suas expectativas na ciência e na técnica como forma de proporcionar aos seres humanos uma vida de abundância material e de felicidade (PASSOS, 2015, p.26). Assim, as pessoas vão sendo submergidas freneticamente e instantaneamente em um turbilhão de ideias, informações, inovações tecnológicas e preocupações de todos os âmbitos, sendo impedidas de olhar para si mesmas e de refletir sobre sua existência (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012).

Não se pretende questionar a importância dos avanços tecnológicos para que os indivíduos experimentem condições de existência jamais vistas, todavia eles também tem colaborado para o desenvolvimento de um processo de alienação humana, onde ocorre uma inversão do modo “ser” o modo de “ter” (PASSOS, 2015, p.27). A felicidade a partir disso, é buscada com o intento de se obter ganhos materiais, desorientando-se num alienante hiperconsumismo, onde o comportamento passa a ser ditado pela mídia, tendo o individualismo e a competitividade como mobilizadores deste processo desumanizante (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012).

O homem insiste em acreditar na felicidade como algo relacionando a prazer, riqueza e honrarias. Essa busca por felicidade nas coisas externas, só deixa claro a ausência da felicidade, pois como afirma Barros Filho (2016): “havendo busca, é porque ela ainda não está; permanecendo na busca é porque ela continua não estando; consagrando-se a busca é porque, talvez, ela não apareça nunca” (BARROS FILHO e KARNAL, 2016, p. 7). Para Aristóteles seria necessária uma vida virtuosa como meio para a felicidade.

Conclusão

O problema visto por Karnal (2016) é que “a felicidade sempre pressupõe uma essência antes da existência, um ideal antes de uma prática. (...) Sempre pressupõe algo que é projetado em vez de algo que é vivido” (BARROS FILHO e KARNAL, 2016, p. 12). Assim, Amaral, Silva e Gomes (2012) concluem que para ser feliz e ter uma vida equilibrada e consciente de que não se simplesmente viver, mas viver bem, existir de maneira livre e satisfatória. Para esses autores, a proposta ética de Aristóteles é um incentivo para a busca da realização pessoal, um estímulo a procura da verdadeira felicidade, em busca da eudaimonia. Como afirma Barros Filho (2016): “(...)dado que a felicidade é poucas vezes sentida, fica mais fácil fazer das condições para que ela aconteça um objeto de luta e uma questão ideológica” (BARROS FILHO e KARNAL, p. 8).

A vida contemplativa, autossuficiente, vida comparável à vida dos deuses, sem muitas necessidades, sem apegos, livre, é esta vida é considerada por Aristóteles a vida feliz, a vida eudaimônica e quem nos permite isso é a razão: “a razão é divina em comparação com o homem, a vida conforme a

razão é divina em comparação com a vida humana (...) procuremos tornar-nos imortais e envidar todos os esforços para viver de acordo com o que há de melhor em nós” (ARISTÓTELES, 1991, p. 235).

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991. 376p.

BARROS FILHO, C.; MEUCCI, A. *O executivo e o Martelo: reflexões fora da caixa sobre ética nos negócios*. 1º ed. São Paulo: HSM editora, 2013. 270 p.

BARROS FILHO, C.; KARNAL, L. *Felicidade ou Morte*. Campinas, São Paulo: Papirus 7 mares, 2016. 90 p.

AMARAL, R. A. P.; SILVA, D. A.; GOMES, L. I. A Eudaimonia Aristotélica: a felicidade como fim ético. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012*. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/A-eudaimonia-aristotélica-a-felicidade-como-fim-ético.pdf>. Acesso em 19 de março de 2017.

PASSOS, E. *Ética nas Organizações*. 1º ed. São Paulo: editora Atlas, 2015. 284 p.

ROCHA, N. F. L. *O Agir ético segundo Aristóteles*. Data desconhecida, 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2009. Disponível em: http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacao2009_agir_etico_segundo_aristoteles.pdf. Acesso em 19 de março de 2017.